

## O leite mau na cara dos caretas: Desdobramentos da primeira edição do Jornal Sertão Transviado<sup>1</sup>

Ribamar José de OLIVEIRA JUNIOR<sup>2</sup>

José Anderson Freire SANDES<sup>3</sup>

Universidade Federal do Cariri, Juazeiro do Norte, CE

### Resumo

O trabalho pretende expor os processos de elaboração da primeira edição do jornal impresso marginal Sertão Transviado, do projeto Ânus Livres - Mídias Radicais e Histórias Marginais vinculado à Pró-Reitoria de Cultura (PROCULT) da Universidade Federal do Cariri (UFCA). Sob tutoria do professor do curso de Jornalismo, José Anderson Freire Sandes, a edição Abril o Ânus lançada no dia 02 de maio de 2016 contou com um editorial voltado para a visibilidade de personagens marginalizadas e ações de coletivos sociais e artísticos da efervescência cultural da região do Cariri.

**Palavras-chave:** gênero; mídia; sexualidade.

### 1. INTRODUÇÃO

*"Jornalismo é publicar aquilo que alguém não quer que se publique. Todo o resto é publicidade."*

*George Orwell*

Era mais uma noite futurista no ares de Londres. Alex DeLarge e seus "drugues", bebiam o chamado "leite-com" (leite com drogas), o incentivo para o caos, enquanto se preparavam para a ultra violência. A história publicada em 1962 de Anthony Burgess se chama *Laranja Mecânica* e conta a história de jovens delinquentes em um futuro próximo. O título justificado pelo autor como *"as queer as a clockwork orange"* (*Tão bizarro quanto uma laranja mecânica*), pode ser interpretado de várias maneiras.

O Jornal Sertão Transviado pode ser considerado o "leite-com". Na justificativa de Burgess, há o termo *queer*, que de origem inglesa, por muito tempo serviu de xingamento para homossexuais ou pessoas que fugiam das normas de gênero. Na frase ele é traduzido como bizarro, mas também pode ser lido como "estranho", "esquisito", "ridículo". O

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 1 - Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

<sup>2</sup> Estudante do 5º período do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Cariri (UFCA), email: ribaeomar@gmail.com

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor Mestre do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Cariri (UFCA), email: josesandes@cariri.ufc.br

ativismo queer é uma das pautas do periódico bimestral lançado no dia 29 de março de 2016 no pátio da Universidade Federal do Cariri (UFCA).

Como uma das atividades do projeto de Cultura da Pró-Reitoria de Cultura (PROCULT), *Ânus Livres: Mídias Radicais e Histórias Marginais*, o impresso pretender fazer uma releitura da região do Cariri a partir do território marginal. Tendo em vista que para Durval Muniz (2001), as tradições e identidades são invenções, o Sertão Transviado quer (re)inventar o imaginário de sertão através da transgressão. Captando os sujeitos que vão tecendo a espacialidade com uma conduta desviante.

Roberto Marques (2004) vem dizer que para se falar de contracultura no Cariri, é preciso revisitar uma série de dizibilidades sobre o Nordeste, imagens que tensionam as ditas identidades regionais. "O Cariri é reconhecido pela poesia de Patativa do Assaré, pelas romarias em torno do Padre Cícero e pelas músicas de Luiz Gonzaga" (Marques, 2004). No contexto de Heloísa Buarque de Hollanda (2004), a contracultura se embasa nos movimentos culturais brasileiros desde o CPC (Centro Popular de Cultura) e se firma no discurso pós-tropicalista. A visibilidade de identidades subalternas acopladas à constelação da marginalidade urbana, liberação erótica, a experiência de drogas, a bissexualidade e o comportamento descolonizado, são alegadas agora como discussões de mão política.

"Como se pode perceber, a contracultura não se comunica em absoluto com esse conjunto de imagens vinculadas ao natural, ao imutável. Nelas, o Nordeste é o oposto da experimentação" (Marques, 2004). O Sertão Transviado traz uma experimentação do jornalismo cultural regional. Visibilizando outros indivíduos por vezes, não cristalizados na imagética de Cariri por romperem com as noções gênero dentro do âmbito da cultura. Inspirado na citação de Orwell sobre a definição de jornalismo e no conceito de mídia radical proposto por Downing, o jornal parte de dar a luz à uma produção subversiva. "O papel da mídia radical pode ser visto como o de tentar quebrar o silêncio, refutar as mentiras e fornecer a verdade" (DOWNING, 2002, p.49).

O trabalho avança no sentido de expor os desdobramentos da primeira edição do jornal, seja através de inspirações, elaborações e discussões de pauta, produções de matérias e colunas até as idas a campo para a execução dos mesmos. Além da receptividade do público nas plataformas de divulgação e ambientes de distribuição.

## **2. DE PADRE CÍCERO DE BATOM À SERTÃO TRANSVIADO**

Os primeiros momentos da idealização do jornal ocorreram no final do mês de março após o evento de lançamento do projeto. Com o nome de “Abertura do Ânus”, a ação concentrou o público transeunte e interessados no pátio da UFCA e apresentou uma palestra sobre Transgressão no Ceará, realizada pelo mestrando em Cultura e Identidade e pesquisador do Grupo de Estudo em Cultura e Sexualidade (CUS) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Samuel Macêdo do Nascimento que dividiu mesa com a dançarina e performer Saullo Berck, A Rainha dos Tijolos da cidade de Barbalha. Antes de abrir o espaço de fala para os palestrantes, houve a apresentação do grupo Dolls Domination.

A temática discutida foi diante da subversão das identidades cearenses e caririenses e o momento de performance do grupo propiciou uma vivência do discurso explanado pelo pesquisador. A partir desse dia, tínhamos um mês para pôr em prática todo processo de idealização, estruturação, discussão e elaboração de pautas. O deadline até parecia ser longo, mas o principal ainda não havia sido pensado que era o nome e o logotipo do impresso.

Foi aí que retomamos ao ponto de partida. A construção do projeto de cultura partiu da submissão de um artigo científico em um evento do curso de Direito da Universidade Regional do Cariri (URCA), o II Encontro de Pesquisa em Direitos Humanos e Fundamentais no GT 02 - Direito das Minorias, direito indígena, direito do idoso e direitos humanos. Nesse trabalho, orientado pelo professor José Anderson Freire Sandes e escrito com a internacionalista Débora Alencar Ribeiro da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), foi analisado o número 19 do impresso homossexual Lampião da Esquina com base no período da anistia e do diálogo com os direitos humanos internacionais.

Logo, o Lampião da Esquina seguiu sendo uma grande inspiração para o que vinha a ser jornal. Tanto por trazer à baila o nome do Virgulino Ferreira da Silva, mais conhecido como Lampião, signo virilidade e representatividade masculina, como também pelo o mesmo fazer parte da construção do imaginário e da narrativa regional do Nordeste. “O cangaceiro não era considerado um mau elemento ou um ‘tarado’, seu ato constituía uma marca de sua masculinidade, uma exuberância de sua virilidade a toda prova: são machos e não violadores” (LINS, 1997 p.104). Mas não queríamos aderir nome Lampião, apenas referenciar e ressignificar a dizibilidade do termo dentro da cultura machista que guia a história do sujeito sertanejo, influenciado pelo mítico do cangaceiro.

Em seguida, foi pensado outro personagem que compõe significadamente e até mais de perto, a história do Cariri. O Padre Cícero Romão é uma grande imagem de fé e e devoção

para os peregrinos romeiros na cidade de Juazeiro do Norte. Por outro viés foi analisado o perfil do romeiro. Algumas pesquisas locais já vinham percebendo a romaria enquanto expressão da cultura popular no Cariri cearense e tendo como foco a figura da travesti romeira. “Que como todos os outros peregrinos cumpre seus rituais e promessas, entretanto está a margem de uma sociedade que a discrimina” (COSTA, LIMA, 2014). Diante desse pensamento, gostaríamos de visibilizar os Outros personagens constituintes das narrativas de fé e se reinventar a identidade do padre.

Padre Cícero de Batom foi o primeiro título discutido. Sem muita receptividade entre os repórteres e editor da redação, ele foi um pouco deixado de lado e logo se abriu espaço para mais sugestões. Segui firme com a escolha do nome, não é de primeiro que um título agrada e muito menos conquista o linguajar. Mas também ele parecia ser muito grande, por trazer três nomes complexos, compostos e carregados de muitas derivações. Na dúvida, falei com Samuel Macêdo, que estuda o Padre Cícero há uns anos, sobre a possibilidade de usar o nome no jornal. Também não foi bem receptivo, interessante, mas não era justo, segundo ele. Uma vez que, os estudos queer sobre gênero e sexualidade, possuem berço inglês e conseqüentemente ainda é inacessível a todas as pessoas por ter uma matriz acadêmica e assim por dizer, elitista, não abrange em seu significado quem realmente é protagonista e foge das especificidades locais. Assim, nós estaríamos viabilizando um grupo e sendo preconceituoso e desrespeitoso com uma série de fiéis que em sua maioria não tem acesso a esse tipo de conhecimento.

Anulamos o nome. Nesse contexto de dilema e aplicação dos estudos de gênero e sexualidade, eis que encontro em um texto de Berenice Bento, na revista Cult edição especial sobre o tem, o termo Transviado. Segundo ela, a sua língua faz muitas curvas para falar queer e no Brasil o sentido pode ser aplicado de outra forma. No dicionário a palavra Transviado é um adjetivo substantivo masculino que quer dizer extraviado, perdido ou aquele que não obedece aos padrões comportamentais vigentes. Daí, nasceu o Sertão Transviado. Um sertão que não obedece as normas vigente e se reinventa a partir da subversão da linguagem, do corpo e da imagem.

A primeira etapa e a mais difícil estaria encaminhada. Após a escolha do nome era preciso estruturar o que vinha depois, ou seja, todas as seções, o lugar das matérias, perfis, colunas, dicas e fotos. Ainda estávamos na primeira semana de abril, mas o deadline corria desenfreado. Foram feitas duas reuniões para a estruturação do periódico bimestral. Com o nome aprovado por todo mundo, criamos os espaços do nosso texto. O jornal ficou com a

média de 12 páginas por edição, o número é flexível, tendo em mente qual o assunto a ser abordado e o intuito do mesmo. Na primeira página, teríamos o editorial, também chamado de Carta ao Leitor sobre a temática abordada e a partir dali todo conteúdo.

A coluna #VULVAEU, inspirada em algumas hashtags compartilhadas em redes sociais por mulheres, traz ao leitor discussões de temas políticos e sociais sobre os feminismos, no plural, pautado na abordagem de várias vertentes, como por exemplo, o transfeminismo. A coluna #DESCASCANDOBANANAS, pretende debater os entraves das masculinidades, levando em consideração as potencialidades do desejo masculino e as nuances que envolvem o ser homem. A primeira, apenas assinada por mulheres, pretende fazer uma comunicação emancipatória de mulheres e para mulheres. Já a segunda, assinada por elas e por homens, pretende desconstruir o retrato de um jornalismo ainda machista. Ambas reúnem assuntos sobre as pequenas opressões cotidianas que por vezes passa despercebidas a olho nu, tentando se aproximar do leitor.

Também, apresentamos o #CORPOFALANTE, na qual há a proposta de se reinventar e naturalizar a nudez através de fotografias. Em #DOISDEDOSDEPROSA, a intenção é mesclar poesia com o fazer jornalístico e suavizar e demorar a leitura, por vezes apressada, dos jornais. Por fim, temos dicas de Por fim, em #GELÉIAGERAL, expressão do poeta Décio Pignari que virou canção-manifesto do tropicalismo, temos dicas de filmes, livros, séries e lugares que envolvam a temática além da agenda dos movimentos sociais na região.

### **3. ABRIL O ÂNUS, ABRIU PRIMAVERA NOS DENTES**

A primeira edição trouxe a imagem de um Cariri feminista e não-binário. Foram realizadas duas reuniões com o professor tutor para debater e distribuir as pautas. Do dia 04 ao dia 13 foram realizadas as pautas para o Sertão Transviado. O nosso expediente foi ocupado pelas estudantes do 5º período do curso de Jornalismo, Izabelly Cristina Macêdo Siebra e Mariana Menezes Caselli. A intenção era de que as pautas feministas fossem produzidas por repórteres mulheres.

Tivemos como pauta o encontro de mães e filhas no Piquenique Feminista, a performance a web-celebridade Saullo Berck, as aulas de Stilleto Dance do professor e dançarino Nicolas Bergson e o borbado feminista com Élide Gomes. A repórter Mariana acompanhou a 6ª edição do Piquenique e foi conferir de perto os bastidores e linhas da

jornalista e feminista Élide, que faz do bordado, prática que se originou pelas mãos de mulheres, em instrumento de luta. a repórter Izabelly foi assistir qual é o Cariri transgressor que ocupa as produções audiovisuais na companhia do pesquisador Samuel Macêdo. Fui para as Malvinas na terra de Santo Antônio, para acompanhar a tarde da performer Saullo Berck, que nos contou um pouco sobre os dilemas da fama e os planos futuros. A colunista Nirvana Lima produziu um texto sobre a liberdade das mulheres de usar ou não o sutiã. Sem tempo para mais convites e assinaturas de colunas, assinei a sobre masculinidades, discutindo a questão das frases rabiscadas nas paredes dos banheiros masculinos da UFCA e dos diálogos entre uma catraca e outra nos ônibus dos estudantes.

O nosso editorial fez um convite ao mergulho em um Cariri subversivo. A primeira edição foi baseada na Abertura do Ânus, evento que abriu as atividades do projeto no mês de março. A principal intenção era construir um jornalismo pautado no processo de alteridade, em que nós jornalistas, vivêssemos um pouco do entrevistado, indo até o seu cotidiano, captando os gestos e as repostas. Fazendo uma ponte entre a comunicação e a antropologia. Partindo do processo etnográfico pautado por Malinowski, que segundo LaPlantine (1991, p. 84), "nos ensinou a olhar. Deu-nos o exemplo daquilo que deveria ser uma pesquisa de campo, que não tem mais nada a ver com a atividade do 'investigador' questionando informadores".

Nesse sentido, a finalidade era se apropriar do fazer da observação da etnografia e mesclar ao fazer jornalístico, em partes, tendo em vista que a etnociência não cabe no deadline. Seguindo também no pensamento de fazer uma comunicação plural, Martin-Barbero (1997) explica o modo de como a maioria dos discursos dos meios de comunicação se aproximam dos outros através de imagens baratas e esquemáticas.

E de forma parecida funciona o mecanismo de distanciamento: o outro [torna-se exótico, é folclorizado em um movimento de afirmação da heterogeneidade que ao mesmo tempo que o torna interessante o exclui do nosso universo, negando-lhe a capacidade de interpelar-nos e de questionar-nos? (BARBERO, 1997, 41)

A coluna "Mãe, afasta de mim esse sutiã!", de Nirvana Lima, conta como ela chegou a reflexão sobre o uso da peça íntima considerada feminina. A colunista inicia seu relato dizendo que perdeu o ônibus de contrato que leva estudantes do Crato para as universidades juazeirenses. Ao pegar uma condução alternativa intermunicipal, encontrou o ela considera de intrigante no corredor do veículo. "Cena perfeitamente normal, se aquela criança, que

suponho ter 8 anos no máximo, não estivesse usando sutiã. Um sutiã de renda e bojo, branco, estilo nadador. Aquela situação me deixou perplexa e nostálgica", diz. Aquela cena a fez lembrar do seu primeiro sutiã e de como ele fez parte do que ela chama de "clube do sutiã" na escola. "Subliminarmente, estava preocupada, porque o título de "mocinha" me fazia oficialmente objetificada e sexualizada", narra ela. Por fim, Nirvana finaliza a coluna traçando um paralelo entre a liberdade de escolha dentro do feminismo de usar ou não o "um amigo enrustido velado de prisão".

A próxima matéria do jornal quem assinou foi Mariana Caselli, sobre a sexta edição do Piquenique Feminista em Crato., que ocorreu dia nove de abril, as mães das meninas participantes foram convidadas. "A Força da Sororidade" traz a necessidade do encontro na região. No fim do ano passado, essa união tornou-se mais necessária que nunca para as caririenses: o machismo nas universidades era – e continua sendo – gritante, por parte dos alunos e dos professores. "Em todos os encontros, a roda de conversa tem muito companheirismo, troca de relatos, lágrimas e risadas. Braços que se estendem e envolvem, um cuidado que só cresce, uma mulher dando força à outra, mostrando que não estamos sós: somos irmãs, de vida e de luta", contextualiza Mariana.

Já em "Gênero, Cinema e Cariri: Close nas Travesti", a repórter Izabelly Macêdo entrevista o pesquisador Samuel Macêdo da UFBA, que fala sobre mídia, gênero e as expectativas para a produção audiovisual independente regional. Na matéria, ele conta que sua trajetória pessoal e o envolvimento com projetos de extensão e movimentos sociais, ainda na graduação, o fizeram despertar para o estudo de gênero e sexualidade. Seu trabalho de conclusão de curso analisou o documentário *Também Sou Teu Povo* de Orlando Pereira, que traz o viés da travesti e sua religiosidade, num contexto juazeirense. Em uma das cenas do filme, são relatadas as travestis e o Padre Cícero como as coisas mais importantes do Juazeiro.

O perfil dessa edição, traçado por mim, apresentou uma tarde com a performer a Rainha dos Tijolos de Barbalha. Em "Ô abre alas, que ela quer passar", ela conta é passar de ícone barbalhense à viral da internet. Dona de um dos canais de vídeo caririenses de mais sucesso e recém-chegada ao mundo de celebridade, Saullo Berck, conta como subiu nos tijolos pela primeira vez. Em uma casa simples nas Malvinas, em Barbalha, a web celebridade caririense mais comentada da internet aguarda ser perfilada. O encontro se dá pouco tempo depois na praça Maria Duarte Vieira, próximo dali. Calçada em uma havaiana cor-de-rosa, ela aparece com um vestido multicolorido e um batom avermelhado,

segurando um salto alto que não sabe quantos centímetros tem, mas diz se sentir melhor nele.

A matéria "O Horizonte do Salto 15" trouxe um pouco da trajetória estudante de artes visuais da Universidade Regional do Cariri (URCA), dançarino e professor de Stiletto Dance da Academia Ballet Rocha em Juazeiro do Norte e também dragqueen Nicole Rasta. O nosso encontro foi realizado em um café de um supermercado da cidade. Nicolas está sempre maquiado. Com o esmalte cor urbana, olhos pintados e tranças de kanecalon — visual muito usados em cabelo afro — vermelhas, ele conta que não lembra quando começou a dançar, mas relembra que desde pequeno sobe nos saltos da mãe e desfila no corredor de sua casa. O que antes era hobby, hoje é estilo de vida, ele conta que atravessou a ponte da descoberta de si com o salto alto.

A coluna #DESCASCANDOBANANAS, assinada por mim e com o título de "Viado Comunista" dialoga com a coluna #VULVAEU. O contexto é o mesmo, o ambiente universitário e de trânsito entre os ônibus dos estudantes. O texto tem como pontapé o relato do professor Ricardo Salmito, *Na Porta do Banheiro*, publicado no impresso Baldio produto do setor de Artes Híbridas da PROCULT. No texto, ele explica o seu sentimento diante de encontrar rabiscada no banheiro masculino do campi da UFCA em Juazeiro do Norte, a frase racista VAMOS MATAR OS NEGOS seguida de outra LIMPAR O MUNDO, que dias depois aparece modificada, com a frase AMO MATAR OS EGOS seguida de LOVE. Essa é apenas uma das frases machistas, racistas e homofóbicas que os banheiros dos homens na Universidade que fazem extensão com os diálogos agressivos dos estudantes. "Tudo viado comunista", foi uma fala que escutei de um deles no caminho da UFCA.

"Linhas de Resistência" é o nome da nossa última matéria, escrita por Mariana Caselli, que narra sobre o ato de bordar e a militância feminista da jornalista Élida Gomes. Élida, que aprendeu a bordar sozinha e que se interessou pelo bordado por causa do artista cearense Leonilson, diz que o bordado feminista veio para ajudar a derrubar essa carga opressora que essa forma de arte traz historicamente consigo. "Eu tanto desejo quanto acredito que o bordado deve deixar de ser feminino e se tornar feminista", pontua ela.

Ainda nesta edição, o #GELEIAGERAL, apontou dicas de leituras de três livros. *Que os outros sejam o normal*, Leandro Colling (2015), livro fruto de uma pesquisa realizada entre 2013 e 2014, em Portugal, Espanha, Argentina e Chile, aponta as diferenças entre o movimento LGBT e ativismo Queer e/ou de dissidência sexual existentes nos locais



analisados. Leandro é jornalista, mestre e doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas. O *Masculinidades: Teoria, Crítica e Artes*, Fernando Marques Pentead e José Gatti (2011), organizado em parceria, o livro reúne ensaios sobre o tema das masculinidades. Questiona o modelo hegemônico de ser homem e entre as áreas de cinema, história, antropologia, comunicação, letras, sociologia, arte desconstruem a virilidade. E, o *Flores Raras e Banalíssimas* (1995) de Carmen L. Oliveira, que abarca a história de Maria Carlota Costallat de Macedo Soares, Lota, e a poeta norte-americana Elizabeth Bishop. A biografia de Carmen mostra duas fortalezas de mulheres, que se põem frente ao poder patriarcal de sua época, ao mesmo tempo em que escancara a fraqueza e instabilidade emocional típica dos seres humanos, típica das histórias de amor. Por fim, o #CORPOFALANTE, seção ilustrada por uma foto e uma poesia, fez uma reflexão sobre a liberdade do corpo e da nudez.

Colaborou na edição Abril o Ânus, abriu a primavera nos dentes, Denise Silva, Jurio Ferreira, Maria Clara Feitosa.

#### 4. DIAGRAMAÇÃO, ILUSTRAÇÃO E TIPOGRAFIA

A diagramação da primeira edição do jornal Sertão Transviado foi feita pelo técnico do Laboratório de Jornalismo Impresso da UFCA, Isaac Brito. A proposta partia de fazer um produto marginal e que rompesse com a estética tradicionalista dos jornais. Tomando como referência a geração do mimeógrafo e do desbunde tropical.

São jornais que deixam de buscar o tom "objetivo" e a suposta neutralidade da linguagem da imprensa tradicional em favor de um discurso que não dissimula sua parcialidade e leva em conta abertamente a impressão e a subjetividade (HOLLANDA, 2004, p.72)

A tipografia do título propunha fazer algo que remetesse a fonte caligráfica, que se assemelhasse a rabiscos úmidos de batom sob o papel. A logo, desenhada por Denise Silva, trata exatamente da proposta de se reinventar o signo do cangaceiro nordestino a partir do conceito de transviado, de batom, chapéu de estrelas e olhos pintados. As cores vermelhas ilustram um descompromisso em manchar a produção, no sentido de variar as percepções e o sentimento da linguagem com as imagens. "Entretanto aqui, o experimentalismo vem

"sujo" pela marca do vivenciado, pela procura de coerência entre a produção intelectual e a opção existencial" (HOLLANDA, 2004, p. 91)

É nesse conjunto que o jornal se "revistiliza". Na capa, uma foto grande de Saullo Berck sentada em um carroça de vestido e salto, abre alas para as reflexões diante do título do impresso. De um Sertão do *Outro*, de um Sertão de batom.

## 5. DESDOBRAMENTOS FINAIS

O jornal ainda está circulando na região. O leite mau na cara dos caretas é uma expressão que o professor Luis Celestino de França Junior, do curso de Jornalismo, utilizou para se referir a produção e os seus desdobramentos. Ouvimos que não leriam nosso jornal só pelo nome. A colunista Nirvana Lima foi abordada no restaurante universitário da UFCA por dois estudantes homens, que começaram a contestar os argumentos dela no texto sobre e disseram que a peça íntima era parte necessária da mulher, tendo em vista, que vê-la sem sutiã excitaria o desejo masculino.

Também, após alguns dias, vieram contestar o projeto Ânus Livres da PROCULT, sobre o uso do orçamento de bolsas de cultura para esse tipo de ação, alegando que na atual conjuntura política brasileira haviam urgências e prioridades. Um outro Professor, entrou na sala segurando outro jornal local e falou para os alunos presentes que aquilo sim era cultura e não o tema que o Sertão Transviado trazia em suas páginas.

Em meio ao leite mau, surgem as considerações positivas. Recebemos uma mensagem engrandecedora através de nossa página oficial no Facebook:

"Olha! Você estão de parabéns pelo jornal! Muito maravilhoso! Sou aqui do sertão da Paraíba, e esse sertão TRANSviado nos representa, viu! Eu tenho um zine chamado Besouro do Cão (está na 3º ed) e tenho produzido muitos desenhos marginais. Quando estiverem afim de publicar desenhos dêem os toques...tamô juntas! Xero!"

Parte daí que o sertão antes de ser mar, vai ser transviado. O Cariri vai surgir não só pelo cânone da cultura e sim pelas expressões de sua totalidade, seja no contexto popular, territorial ou contracultural. Sertão Queer, Cuir. Cu ir.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. —Enredos da Tradição: a invenção histórica da região Nordeste do Brasil. In: \_\_. **Nos destinos de fronteira: história, espaço e identidade regional.** Recife: Bagaço, 2008. pp.127-163

BURGESS, Anthony – 1955 **Laranja Mecânica** / Anthony Burgess; tradução Fábio Fernandes. -São Paulo: Aleph, 2004. Título original: A clockwork orange.199p.

COSTA, Pablo Soares Pereira. LIMA, Sauanny de Oliveira. NUNES, Francisco das Chagas Alexandre. **Travesti e Romeira: Romarias ao Padre Cícero, Comunicação e Transgressão de Gênero.** XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – João Pessoa - PB – 15 a 17/05/2014

DOWNING, John D.H. **Mídia radical: Rebeldia nas Comunicações e Movimentos Sociais.** 2º ed. Trad. Silvana Vieira. São Paulo: Editora Senac, 2002.

HOLLANDA. Heloísa Buarque de. **Impressões de Viagem: CPC, Vanguarda e desbunde.** 1960/1970. Rio de Janeiro: Aeroplano. 2004.

Jornal Sertão Transviado nº 1. **Abril o Ânus.** Ânus Livres - Mídias Radicais e Histórias Marginais.

MARQUES, Roberto. **Contracultura, tradição e oralidade.** (Re)Inventando o sertão nordestino na década de 70. São Paulo: Annablume, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Comunicação plural: alteridade e sociabilidade.** Comunicação & Educação São Paulo, [9]: 39 a 48, maio/ago. de 1997.

LINS, Daniel. **Lampião: O homem que amava as mulheres: o imaginário do cangaço.** São Paulo: Annablume, 1997a.

